

HASSAN, WAÏL S. (2024).

[https://doi.org/10.14195/0870-4112\\_3-10\\_18](https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-10_18)

## Arab Brazil – Fictions of Ternary Orientalism.

New York: Oxford University Press, 332 p. – Edição Kindle.

ISBN 9780197688779

DOI: 10.1093/oso/9780197688762.001.0001

Os movimentos migratórios marcaram a sociedade ocidental particularmente em determinadas décadas dos séculos XIX, XX e XXI e a literatura, enquanto expressão artística, desempenha um papel fundamental na representação dessas experiências. Para compreender como estes elementos caracterizam a nossa identidade e a nossa habilidade intercultural, é importante analisar as representações dos migrantes na literatura. Os investigadores visam analisar a especificidade das representações literárias da experiência dos migrantes e dos elementos transnacionais que se relacionam direta ou indiretamente com a cultura. Pretendem abordar textos literários referentes a tais aspetos como a mobilidade, o exílio, a vida deslocada, as experiências multiculturais complexas e os choques culturais resultantes do movimento e da mudança. Deste modo, são questionados os diferentes aspetos de expressão literária das noções de identidade e alteridade.

Desde o final do século XIX, a América Latina tem recebido vagas de migrantes árabes, cujos descendentes se destacam, hoje em dia, na política, negócios, indústria, jornalismo, literatura, artes e outras esferas sociais. A América Latina e o mundo árabe têm também sido parceiros em diversos projetos de solidariedade do Sul Global, desde o Movimento Tricontinental dos anos 1960 até as cimeiras iniciadas no Brasil, em 2005, pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, destinadas a fortalecer laços diplomáticos, económicos e culturais entre as duas regiões.

Waïl Hassan, investigador da Universidade de Illinois/Urbana-Champaign e docente de Literatura Comparada da mesma instituição, desenvolve uma pesquisa sobre este fenómeno, que já mereceu uma publicação com o título *Arab Brazil - Fictions of Ternary Orientalism*, focando-a em obras literárias produzidas desde o século XX até à contemporaneidade, refletindo o estatuto da comunidade árabe no Brasil, oriunda de uma faixa geográfica que vai do Levante mediterrânico até Marrocos.

*Arab Brazil* defende que a arabilidade está profundamente enraizada na cultura brasileira, tanto de formas reconhecíveis como mais subtis. Do ponto de vista imagológico, para este autor, os árabes têm sido alvo de preconceito estereotipado no Brasil. A literatura narrativa, escrita por ou sobre imigrantes árabes e seus descendentes desde o início do século XX, reflete a ansiedade e a contradição do que significa ser árabe no Brasil, bem como sobre as ideologias de identidade nacional do país.

Waïl Hassan delinea a figura do migrante árabe e as suas representações ao longo de um século de ficção literária brasileira e de melodrama televisivo popular – géneros que desempenham um papel crucial na construção da narrativa nacional. Assim, de forma distinta relativamente aos discursos britânico, francês e americano analisados por Edward Said, Waïl Hassan defende uma variante brasileira de Orientalismo, definida *Orientalismo ternário* e problematiza a imagem idealizada do Brasil como um país construído sobre a mistura de raças, etnias e culturas, assim como as ideias relacionadas de “antropofagia cultural” (a digestão e incorporação de influências culturais diversas) e “democracia racial” (a noção de que não há racismo no Brasil).

A existência desta variante levanta várias questões teóricas que o ensaio tenta responder: se o Orientalismo representa um discurso de domínio ocidental sobre o “Oriente”, como argumentou Edward Said, é necessário saber o que acontece no seu percurso para um mundo em desenvolvimento, o que suscita uma série de perguntas de que se destacam os seguintes exemplos: quais são, por exemplo, os contornos do Orientalismo brasileiro? Se não for impulsionado por interesses imperiais, quais são as suas apostas ideológicas? Como medeia os diálogos Sul-Sul que tentam contornar o imperialismo “do Norte”?

No Brasil, a arabidade e o Islão funcionam, pelo autor do ensaio, paradoxalmente como esferas de alteridade (diferentes língua, cultura e religião) e de semelhança (laços culturais, históricos e demográficos; status geopolítico próximo, como partes do Sul Global). Como tal, enquanto os Orientalismos euro-americanos são baseados em modelos binários de Eu/Outro, Oriente/Ocidente e colonizador/colonizado, o Orientalismo brasileiro tem uma estrutura ternária que define a identidade cultural do país em relação tanto ao “Norte” (Estados Unidos e Europa Ocidental) quanto ao mundo árabe. Para um país que está na órbita americana, mas não é considerado parte do mundo desenvolvido, e cuja herança europeia é substancialmente miscigenada com elementos ameríndios, africanos, árabes e outros, a identidade cultural é multidimensional, concebida em relação a várias e às vezes incompatíveis construções de alteridade que exibem perplexidades sobre o lugar do Brasil no mundo. Imagótipos com conotações positivas também circulam amplamente no Brasil. Nas obras de Jorge Amado, o estereótipo do migrante árabe, frequentemente rotulado de “turco”, perde as suas associações depreciativas e transforma-se num imigrante ideal. No entanto, a representação mais positiva tem sido a da “sabedoria oriental”. No Brasil, a ideia de sabedoria oriental prevaleceu, embora muito mais associada à civilização árabe islâmica do que à indiana. Waïl Hassan apresenta uma série de escritores de narrativas de ascendência árabe ou autores brasileiros que incluem personalidades de ascendência árabe nas suas obras. Entre eles, destaca-se Malba Tahan, matemático e pseudónimo de Júlio César de Mello e Souza, cujas ficções são consideradas um arauto ideal da sabedoria oriental árabe, inaugurando o primeiro capítulo do ensaio. Waïl Hassan considera autores consagrados da narrativa brasileira, como Jorge Amado, ao abordar os ‘turcos’ como cidadãos brasileiros (cap. 3); Raduan Nassar (cap. 4), que explora a rebelião contra a autoridade patriarcal e a resistência dos imigrantes à assimilação cultural; Milton Hatoum (cap. 5), que destaca uma singular sobreposição de exotismos orientalista e amazonense na sua tetralogia de Manaus, até representar o negror dos tempos da ditadura em Brasília.

A obra de Hassan considera também protagonistas de importantes casos literários, como Ana Miranda (cap. 6), autora dos célebres *Boca do Inferno* e, nomeadamente, *Amrik*, ficção que representa a diáspora árabe com uma

protagonista feminina; Nélide Piñón (cap. 8) e a sua recontagem da lenda de Scheherazade em *Vozes do Deserto*; e Alberto Mussa (cap. 9), tradutor dos *Poemas Suspensos* (Mu‘allaqāt) e do emblemático romance *O Enigma de Qaf*.

A terminar a sua análise, Waïl Hassan afirma que apesar dos preconceitos de alguns, o Brasil proporcionou um grande sucesso à comunidade árabe devido à sua heterogeneidade constitutiva, inicialmente denegrada por teorias raciais pseudocientíficas e seus seguidores, e posteriormente abraçada como um motivo de orgulho nacional e elevada a uma ideologia de identidade nacional, em que a alimentação, representada pelo Kibe, alimento levantino que integra a culinária brasileira, evoca a “fête de la bouche” atenuadora de contrastes interculturais, citada por Julia Kristeva no seminal *Étrangers à nous-mêmes*.

Este trabalho destaca alguns pontos críticos que merecem nossa atenção. Em primeiro lugar, a utilização recorrente de termos referentes à etnia, que já foram rejeitados por alguns autores brasileiros, tais como Milton Hatoum, que repudia ser chamado de “Lebanese-Brazilian writer”. Como o livro é direcionado ao público dos Estados Unidos, talvez essa seja a forma que o autor considera mais suscetível para tornar as questões apresentadas mais compreensíveis para esse público.

Um segundo aspeto crítico é a ausência de alguns autores importantes, tanto da prosa, como Marcelo Maluf, que em *A Imensidão íntima dos carneiros* evoca o rito de passagem da migração do avô, de Salim Miguel e do seu *Nur na escuridão*, quanto na poesia, que é um pilar cultural dos árabes no Brasil, que contaram com muitos autores relevantes. Entre eles, destacam-se Chafic Maluf e seu cenáculo da Academia Andaluza, da literatura árabe da emigração (*Mahjar*), além de Jamil Almansur Haddad, poeta bilíngue, ensaísta, tradutor e agitador cultural na São Paulo modernista, Jorge Medauar, Mário Chamie, Carlos Nejar, Waly Salomão, até os contemporâneos Michel Sleiman e Sérgio Nazar David. A inclusão desses autores enriqueceria este ensaio, que tem o mérito de proporcionar maior visibilidade nos Estados Unidos a uma faceta pouco conhecida da cultura brasileira.

ALBERTO SISMONDINI

*sarvagi@fl.uc.pt*

*Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras*

<https://orcid.org/0000-0002-7965-7253>